

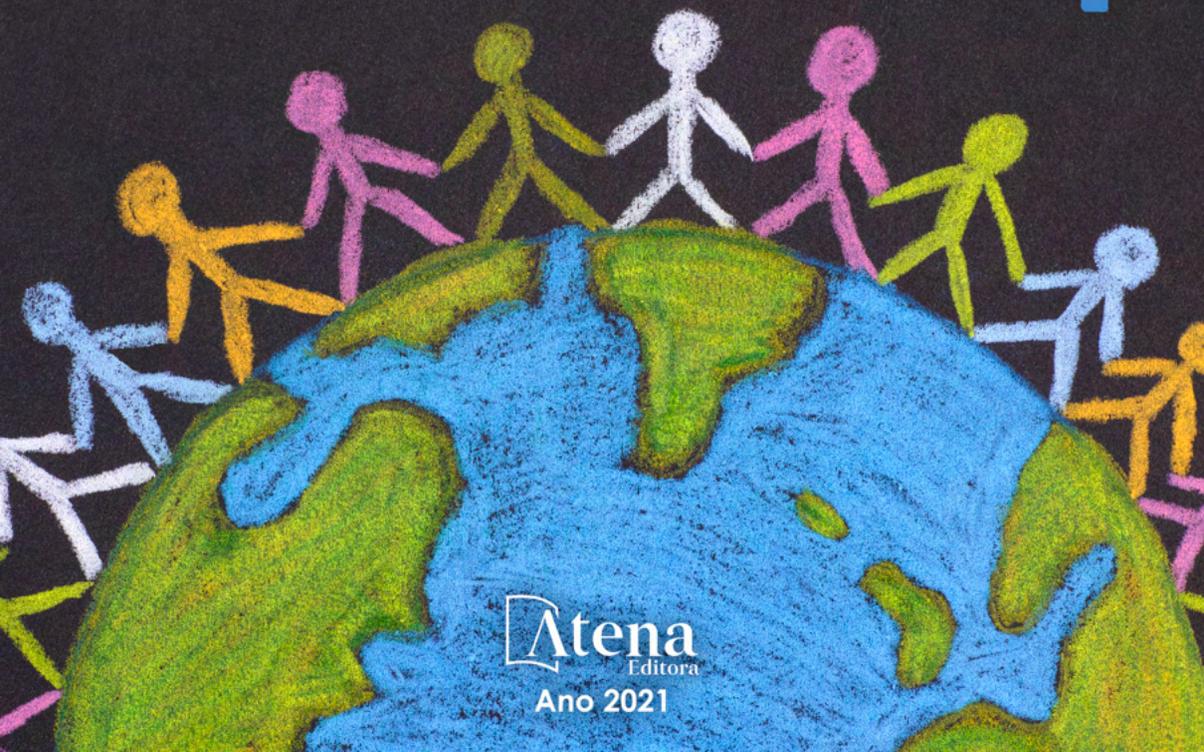
AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

4



Atena
Editora
Ano 2021

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

4



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-650-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.505211611>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“Educação enquanto fenômeno social: Democracia e Emancipação Humana”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, entre outros.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORES-ALUNOS DO PROFEBPAR/UFMA	
Suely Sousa Lima da Silva Maria Núbia Barbosa Bonfim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116111	
CAPÍTULO 2	15
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INTEGRAL: INTRODUÇÃO A UMA ANÁLISE CRÍTICA	
Gerlany da Silva Sousa Scavone	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116112	
CAPÍTULO 3	25
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROEPRE - PROMOVENDO UM TRABALHO PAUTADO NA ESCUTA DAS CRIANÇAS	
Gisele Teresa Medeiros Tanaka Ana Lucia de Camargo Pinto Meneghel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116113	
CAPÍTULO 4	34
FORMAÇÃO ESTÉTICA DO PROFESSOR: A ARTE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	
Daniele Facundo de Paula Elvis de Azevedo Matos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116114	
CAPÍTULO 5	47
PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E COTIDIANO ESCOLAR	
André Luiz dos Santos Barbosa Angela Maria Venturini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116115	
CAPÍTULO 6	54
ANÁLISIS DE LA MOVILIDAD ACADÉMICA EN LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA INTERCULTURAL SEDE REGIONAL TOTONACAPAN	
Ascención Sarmiento Santiago	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116116	
CAPÍTULO 7	62
A MONITORIA UNIVERSITÁRIA COMO PORTA DE ENTRADA PARA A PESQUISA CIENTÍFICA	
Gessica Brito Lima Caju	

Leticia Ramalho Paes
Caroline Fernandes da Costa
Virnia Virgínia Maria Dionísio da Silva
Elizabeth Maria dos Santos Freire
Mariana Magda dos Santos Melo
Larissa Silveira de Mendonça Fragoso
Raphaela Farias Rodrigues
Natanael Barbosa dos Santos
Marcos Aurélio Bomfim
Dayse Andrade Romão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116117>

CAPÍTULO 8..... 69

PLATAFORMA TECNOLÓGICA DESARROLLO DE CONTENIDOS DIGITALES PARA LA FORMACIÓN EN EL TRABAJO

María Dolores Martínez Guzmán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116118>

CAPÍTULO 9..... 76

UM OLHAR AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA DO BRASIL E DA COLÔMBIA (1970 -1980)

Carlos Alberto Moreno-González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5052116119>

CAPÍTULO 10..... 88

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA SEXUALIDADE FEMININA DURANTE A GESTAÇÃO

Juliana da Silva Soares de Souza

Pedro Junior Rodrigues Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161110>

CAPÍTULO 11..... 96

UM NOVO CURSO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA

Eleandro Adir Philippsen

Adriano José de Oliveira

Elton Anderson Santos de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161111>

CAPÍTULO 12..... 103

O ENSINO DE BIOLOGIA NA ESCOLA DO CAMPO: NORTEADOR DA COMPREENSÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA

Dayse Centurion da Silva

Patrícia Pato dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161112>

CAPÍTULO 13..... 110

O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE AVALIAÇÃO NO ENSINO DE BIOLOGIA

Ana Flávia Tractz da Luz

Camila Kaminski

Carlos Eduardo Bittencourt Stange

Eda Maria Rodrigues de Aguiar da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161113>

CAPÍTULO 14..... 117

GÊNERO E AGRICULTURA: RELATO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE OFERTA DE UNIDADE CURRICULAR

Josélia Barroso Queiroz Lima

Ivana Cristina Lovo

Aline Weber Sulzbacher

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161114>

CAPÍTULO 15..... 128

GESTÃO DA DIVERSIDADE NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Joselia Silva Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161115>

CAPÍTULO 16..... 138

ATIVIDADE DE EXTENSÃO COM RECURSO VIRTUAIS

João Pedro de Souza Pereira

Nathan Mickael de Bessa Cunha

Laura Cardoso Gonçalves

Paulo Sergio Alves da Silva

Vitor Leite de Oliveira

Ivano Alessandro Devilla

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161116>

CAPÍTULO 17..... 145

LABORATÓRIO ALTERNATIVO: UMA PROPOSTA PARA DINAMIZAR AS AULAS DE CIÊNCIAS, CONSTRUÍDO A BASE DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Zilmar Timoteo Soares

Brunno Gustavo de Oliveira Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161117>

CAPÍTULO 18..... 158

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: IDENTIDADE E SABERES DA FORMAÇÃO

Evaneila Lima França

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161118>

CAPÍTULO 19..... 170

E SE O ANO BISSEXTO NÃO EXISTISSE?

João Pedro Theves Knopf

Malcus Cassiano Kuhn

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161119>

CAPÍTULO 20..... 180

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Sandra Regina Silva Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161120>

CAPÍTULO 21..... 197

O ÍNDICE DE REMUNERAÇÃO E SEU EFEITO NO AMBIENTE DE TRABALHO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE QUITO - EQUADOR, CASO A

Vicente Marlon Villa Villa

Mayra Karina Flores Escobar

Manuel Antonio Reino Reino

Rodrigo Enrique Velarde Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161121>

CAPÍTULO 22..... 210

PROJETO INTEGRANDO E CRIANDO LAÇOS

Marcia Moreira D'Almeida e Souza

André Ribeiro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.50521161122>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO..... 218

CAPÍTULO 14

GÊNERO E AGRICULTURA: RELATO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE OFERTA DE UNIDADE CURRICULAR

Data de aceite: 01/11/2021

Josélia Barroso Queiroz Lima

Professora Doutora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) Diamantina, Minas Gerais

Ivana Cristina Lovo

Professora Doutora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) Diamantina, Minas Gerais

Aline Weber Sulzbacher

Professora Doutora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) Diamantina, Minas Gerais

Relato de Experiência de ação institucional com foco no ensino.

RESUMO: Apresentamos relato de experiência vinculado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), nível de mestrado, por meio da oferta da unidade curricular eletiva “Gênero e Agricultura”. Esta experiência envolveu as áreas das ciências Humanas (Geografia e Psicologia Social) e da Natureza (Biologia) a partir das trajetórias sociais, profissionais e formativas de três

mulheres, na condição de docentes universitárias que, aproximando-se por afinidades com a temática, se desafiaram no objetivo de fomentar reflexões ético/políticas que pudessem articular o debate entre as relações sociais de gênero no contexto do campo e da agricultura, incluindo o foco agroecológico, situando-o a partir de uma atualização teórica, sintonizada com as experiências dos estudantes envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior; Feminismo; Agroecologia; Educação

GENDER AND AGRICULTURE: EXPERIENCE REPORT FROM THE OFFER OF A CURRICULAR UNIT

ABSTRACT: We present an experience report linked to the Interdisciplinary Postgraduate Program in Rural Studies (PPGER), master’s level, through the offer of the elective curricular unit . “Gender and Agriculture”. This experience involved the areas of Human Sciences (Geography and Social Psychology) and Nature (Biology) from the social, professional and educational trajectories of three women, as university professors who, approaching by affinities with the theme, challenged themselves in the objective of fostering ethical/political reflections that could articulate the debate between social gender relations in the context of rural and agricultural, including the agroecological focus, placing it from a theoretical update, in tune with the students’ experiences involved.

KEYWORDS: Higher Education; Feminism; Agroecology; Education.

11 O ENCONTRO DE TRÊS MULHERES DOCENTES, UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO...

sou a primeira mulher da minha linhagem a ter liberdade de escolha. a construir o futuro como bem entender. dizer o que vier à minha mente quando eu quiser. sem ouvir barulho do chicote. são centenas de primeiras vezes pelas quais sou grata. cenas que minha mãe e a mãe dela e a mãe dela não tiveram o privilégio de viver [...]

Fragmento de poema de Rupi Kaur

Nesse artigo refletimos e sistematizamos o processo de construção da unidade curricular eletiva “Gênero e Agricultura”(4créditos, presencial) vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), nível de mestrado, ofertada no semestre letivo de 2018/1. Esta experiência envolveu as áreas das ciências Humanas (Geografia e Psicologia Social) e da Natureza (Biologia) a partir das trajetórias sociais, profissionais e formativas de três mulheres, na condição de docentes universitárias que, aproximando-se por afinidades com a temática Gênero e Agricultura, se desafiaram no objetivo de fomentar reflexões ético/políticas que pudessem articular o debate entre as relações sociais de gênero no contexto do campo e da agricultura, incluindo o foco agroecológico, situando-o a partir de uma atualização teórica, sintonizada com as experiências dos estudantes envolvidos. Ao relatar o processo de construção da UC, objetivamos colocar em análise as relações ético-políticas que permeiam a discussão das questões de gênero e agricultura, e problematizar sobre a relevância do tema, não apenas no interior de um curso de Mestrado, mas no processo de educação e de socialização de saberes e de promoção de valores que desnaturalizem os modos de pensar e de fazer que nos constituem como sociedade patriarcal, colonial, sexista e capitalista.

O encontro das três docentes, num primeiro momento, deveu-se a aproximação pela composição do corpo docente permanente do PPGER. Ao estruturar o Programa e as UCs, propusemos a temática gênero e agricultura, dentro da linha de pesquisa: Configurações do Rural, Política e Meio Ambiente. Nossas trajetórias acadêmicas na UFVJM se davam em diferentes áreas de saber e em diferentes cursos, e não traziam um acúmulo de estudo em torno da temática, não obstante, enquanto mulheres, docentes e profissionais que cada vez mais nos debruçávamos sobre o espaço rural e suas questões, ao mesmo tempo em que nos apropriávamos dos saberes, fazeres e valores que marcam os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nos indicavam a relevância do tema. Por outro lado, a postura crítica sobre o fazer científico e sua função social, nos exigia o cuidado com a escolha dos textos, dos autores e das linguagens a serem usadas no decorrer do processo. Se nos sabíamos *em* processo formativo sobre as discussões de gênero, mas também como mulheres, com trajetórias formativas e com experiências a serem compartilhadas e debatidas de modo a provocar outro olhar sobre o fazer, pensar e produzir ciência, que dialogasse com os nossos corpos, desejos e valores. Nesse sentido, entendíamos que os encontros a serem

produzidos com os discentes matriculados na UC deveriam produzir a desnaturalização do pensamento positivista, numa epistemologia que reconhecesse os diversos e divergentes saberes que perpassam os sujeitos sociais: nós e eles, eles e nós.

Apresentamos a experiência, incluindo algumas reflexões, iniciando pela metodologia (como fomos conduzindo o processo) e, em seguida, discutimos algumas perspectivas abordadas.

2 | METODOLOGIA: O DESENHO DO CAMINHO E OS HORIZONTES...

Iniciamos o desenho do caminho com um encontro, regado a café e a conversa, para que pudéssemos nos conhecer, nos dizer, para dialogar sobre como, porquê e para que queríamos desenvolver os conteúdos curriculares em torno da temática de Gênero e Agricultura. Este processo nos fez entender que, embora havendo normativas institucionais sobre a aula na pós-graduação, o tema nos convidava a repensar nossas práticas, concepções e princípios sobre o fazer pedagógico, sobretudo em sua dimensão política. Assim, definimos que as aulas deveriam ser desenvolvidas em forma de encontros, nos quais partilharíamos saber e sabor, poesia e ciência, imagens e memórias, a fim de colocar a própria relação do pensar como um espaço fundamental de encontro e de troca, em que os silêncios históricos pudessem ser movimentados, talvez rompidos.

Traçamos, assim, alguns princípios éticos, políticos e teóricos que nos envolveriam em todo o percurso da unidade curricular: a horizontalidade das relações (das falas, dos gestos, das provocações) o que implicaria em nos colocar no processo educativo lado-a-lado inclusive na organização do espaço, na construção das reflexões, na densidade de conteúdos/vivências que cada sujeito aporta, no exercício do respeito e do cuidado; o movimento dialético entre as vivências individuais e coletivas, buscando sempre problematizar as múltiplas relações que tecem a sociedade, que naturalizam determinadas normas e comportamentos sendo estes incorporados (BOURDIEU, 2018), objetiva e subjetivamente, por fim, transitar entre reflexões teóricas coletivas, fomentando estranhamentos individuais direcionadas para ações práticas concretas, no âmbito da realidade universitária; o cuidado para que o fazer pedagógico assumisse sua dimensão política, evitando incorrer no pragmatismo individualista ou em um universalismo absolutista; e, por fim, assumimos o desafio de que os encontros seriam abertos ao público e, sobretudo, que haveria uma abertura nos conteúdos, temas e referências, de modo que o caminhar pudesse ser ajustado às conjunturas e ou ao ritmo que o grupo vinha se movimentando.

Importa situar que partilhamos a compreensão de que vivemos numa sociedade hierarquizadora, patriarcal, com fortes marcas coloniais e escravagistas, e ocupando o lugar social de professoras universitárias no Vale do Jequitinhonha, onde tais memórias sociais encontram-se naturalizadas; tínhamos duplo desafio - produzir problematização sobre os processos socializadores - não apenas da cultura social mais ampla, mas também

a universitária. Pois no espaço da universidade a hierarquização e o poder masculino, pautam a concepção positivista da ciência (LIMA, 2017). Problematizar o modelo positivista de ciência, as relações de poder que atravessam o fazer acadêmico, e reconfigurar o modo de produzir o conhecimento, implicava reconhecer como no Vale do Jequitinhonha saberes foram silenciados, e como formas de resistência se manifestavam (e se manifestam na diversidade cultural dos povos que compõem os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri).

Assim, escolhemos construir um fazer educacional no qual cada encontro deveria provocar reflexões e discussões, construindo teia de significações que pudessem desnaturalizar as aprendizagens tornadas senso comum. Para tal, buscamos articular diferentes linguagens que provocassem e problematizassem os processos socializadores nos quais e pelos quais as aprendizagens do ser mulher/ser homem foram significadas. E, neste sentido, um dos caminhos foi explicitar/compartilhar os estranhamentos das docentes, buscando construir um ambiente de confiança para as reflexões e experiências do coletivo. Dessa forma, a condução pedagógica integrou estudos e reflexões a partir da seleção e indicação de textos (artigos e livros), filmes e documentários, incorporando a elaboração de trabalhos, a realização de místicas, intervenções artístico-pedagógicas, aulas públicas e organização de mesa de debate durante a VI Semana de Integração Ensino Pesquisa e Extensão da UFVJM (SINTEGRA).

Como estratégia pedagógica para condução dos trabalhos buscou-se desenhar o perfil do grupo, considerando as/os discentes e as docentes, incluindo suas origens, as condições do desenvolvimento da pesquisa de mestrado, assim como da vida profissional, e as expectativas com a temática a ser desenvolvida. O grupo participante da unidade curricular foi constituído por nove estudantes regularmente matriculados, sendo três do sexo masculino e seis do feminino, além de outros participantes eventuais (considerando perspectiva de que os encontros eram abertos). De modo geral, os estudantes tinham vínculos profissionais bem diversos, incluindo servidores públicos (professores da educação básica ou outros cargos técnicos), assessores técnicos (seja de ONGs, empresas, ou movimentos sociais) e pessoas sem vínculo profissional (recém graduadas). A minoria do grupo já havia trabalhado com a temática, e duas mestrandas apresentaram o objetivo de focar as relações de gênero em suas pesquisas de mestrado. Entre as professoras as afinidades que as aproximaram foi o interesse nos estudos sobre as desigualdades de gênero, trazidas de experiências de trabalhos ou estudos anteriores a entrarem na universidade.

O plano de estudos se configurou a partir de uma proposta inicial apresentada pelas docentes, que foi sendo dialogada e ajustada ao longo do desenvolvimento dos estudos e trabalhos práticos, incorporando sugestões dos participantes e ou questões da conjuntura. Foram planejados quinze encontros de quatro horas, sendo dois deles em formato de “aulas públicas” e um como mesa de debate durante a VI SinTEGRA. Três místicas foram planejadas para introduzir e problematizar temáticas a serem debatidas e outras duas intervenções

pedagógicas foram planejadas e realizadas durante a VI Sintegra, uma delas em parceria com movimentos agroecológicos que estiveram participando da referida Semana. A ludicidade nas aulas foi mantida com leituras de poemas que abriam e ou finalizaram os debates do dia, com destaque para os poemas de Eduardo Galeano, como por exemplo, o poema Amor do livro Mulheres (Galeano, 2015).

Atendendo as normativas institucionais, os processos avaliativos passaram a escrita acadêmica a partir da realização de resenhas, da pesquisa e redação biográfica e de uma redação final, de releitura sobre o projeto de pesquisa. Em especial, a pesquisa e redação biográfica tinham por intuito incentivar os estudantes a visitar, conhecer e dialogar com mulheres rurais e ou urbanas da região dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce, por meio de entrevistas semi-estruturadas ou de observação participante, que possibilitaram olhar, a escuta ativa e o registro de informações sobre o cotidiano e a vida de algumas mulheres desses Vales, que representam a vida de agricultoras, artesãs, benzedeiras e servidoras públicas. Por sua vez, a releitura sobre o projeto de pesquisa e do sujeito pesquisador/a foi uma estratégia pedagógica para que os estudantes se sentissem motivados e mobilizados no exercício da reflexividade, do registro dos estranhamentos etc.

A partir das leituras realizadas e das narrativas elaboradas pelos/as discentes e docentes foi possível realizar uma análise do discurso e evidenciar categorias sociais que reforçam, de forma explícita ou implicitamente, as atitudes patriarcais e as desigualdades nas relações de gênero, assim como foi possível evidenciar sujeitos e as categorias que buscam enfrentar as desigualdades de gêneros marcadas pelo patriarcado.

Por fim, invertendo a lógica, usamos a ementa da unidade curricular como um horizonte, ou seja, como rol de possibilidades, abertas. Por isso, ao final, contemplamos os conteúdos previstos que passavam por temas como a agricultura familiar e a divisão sexual do trabalho, as desigualdades, herança e identidades de gênero entre agricultores familiares, o lugar da mulher nos espaços de decisão nas comunidades rurais, as organizações de mulheres rurais e as mulheres no sindicalismo rural, as mulheres e as transformações no campo e o empoderamento feminino e as políticas públicas agrárias. Esses e outros temas foram discutidos a partir das contribuições do grupo e, também, de autores como Michel Foucault (1983), Simone de Beauvoir (2016), Silvia Federici (2017), Pierre Bourdieu (1996), Corso (2016) e Nalu Faria e Miriam Nobre (1997), Carmen Deere (2004), Márcia Tiburi (2018), Emma Siliprandi (2009 e 2015) e Elisabeth Cardoso et. all (2014).

3 | OS CONTEÚDOS DO CAMINHAR...

A abertura da unidade curricular foi realizada com a mística regada pela letra e música Senhor Cidadão, de Tom Zé (1972). Essa mística inicial já revelou as simbologias relacionadas às diferenças de gênero. O ambiente escolhido tinha sofá, mesa de centro e

algumas cadeiras espalhadas, organizadas de forma aleatória. Ao chegar, os participantes foram incentivados a “escolher” um lugar, em ambiente que pareceria desorganizado – o que gerou desconforto. Mesmo se tratando de uma turma de mestrado, apenas um estudante, do sexo masculino, dentre os presentes, ousou se deixar levar pela curiosidade e tomou a iniciativa de virar e ler as tarjetas que estavam espalhadas no ambiente e continham partes da letra da música. Assim que iniciou a música, fomos pouco a pouco desvirando as tarjetas e colando no ambiente (chão, parede, mesas etc.), terminando por repetir, em diferentes tons de voz, algumas das frases mais significativas e ou outras dizeses espontâneos. Essa vivência foi fundamental, pois forneceu o texto e o contexto deste encontro e das provocações que pretendíamos desenrolar ao longo do semestre, apresentamos alguns trechos:

Senhor cidadão
Eu quero saber, eu quero saber [...]
Com quantos quilos de medo
Se faz uma tradição?

Oh, senhor cidadão
Eu quero saber, eu quero saber
Com quantas mortes no peito
Se faz a seriedade?

Afinal, com quantos quilos de medo se faz uma tradição? Com quantas mortes no peito se faz a seriedade? Como explicita Bourdieu (1996) para compreender a dominação masculina é preciso analisar as estruturas inscritas na objetividade e aquelas que os são na subjetividade, que dizer, nos corpos sob a forma das disposições corporais visíveis na maneira de usar o corpo e nos cérebros, sob forma de princípios de percepção dos corpos dos outros, revelando que as relações de dominação simbólica existem sob formas de divisões objetivas e sob a forma de estruturas mentais que organizam a percepção dessas divisões objetivas (BOURDIEU, 1996, p. 31).

O ambiente de discussões e problematizações da unidade curricular apoiou o grupo a apurar o olhar e as reflexões sobre as relações cotidianas, incorporadas e naturalizadas, o que possibilitou des-vendar alguns dos processos de violência simbólica e física que marcam as relações entre os gêneros, e que se ratifica ainda na atualidade através das tentativas subjetivas de silenciamentos das narrativas das mulheres, incluindo os saberes que secularmente compõem a sua trajetória. Foi possível identificar e analisar essas situações nas relações de trabalho, inclusive no âmbito da universidade, como exemplos: tentativas de desqualificar falas de mulheres em reuniões, inclusive envolvendo situações com homens em cargos de gestão da universidade, ou, em outro caso, nas dificuldades vivenciadas para realização de atividade de campo envolvendo duas unidades acadêmicas vinculadas ao mestrado – neste caso, houve evidente falta de disponibilidade por parte do

outro docente, homem, para construir atividade de campo de forma colaborativa, horizontal e aberta, reproduzindo assim um fazer acadêmico catedrático. Também se agregaram relatos das e dos discentes identificando situações similares a partir das suas relações de trabalho e relações familiares. Situações essas que corroboram com o que Lima (2017) descreve em seu trabalho sobre o poder masculino na esfera da universidade pública.

Reconhecendo que as desigualdades nas relações de gênero, e as violências praticadas contra as mulheres, ultrapassam os limites das identidades das mulheres e homens brancos, com isso foi importante revisitar a história da origem do capitalismo a partir da percepção das mulheres, o que nos facilitou Federici (2017), que possibilitou uma revisão histórica sobre a subordinação atual das mulheres e o quanto a desvalorização dos conhecimentos, práticas e dos corpos das mulheres é importante para o sucesso do capitalismo. Inclusive, como ampliar a percepção sobre o extermínio das mulheres nos contextos atuais:

Com efeito, a lição política que podemos extrair de Calibã e a Bruxa é que o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo. O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais — a promessa de liberdade frente à realidade da coação generalizada, e a promessa de prosperidade frente à realidade de penúria generalizada — difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização. (FEDERICI, 2017, p. 29).

Dentre as provocações propostas por Simone de Beauvoir, na obra *O segundo sexo*, está justamente esse processo histórico de desqualificação da natureza feminina e de mulher. Para a feminista, “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o outro” (BEAUVOIR, 2016, p. 13). Assim,

Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. [...] Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes expressão concreta. (Beauvoir, 2016, p. 17)

Ao discutir sobre igualdade de direitos, Beauvoir (2016, p. 21) provoca: “[...] o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres” e, adiante, ainda problematiza “Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?” (Idem, p. 26). Essa pergunta, escrita originalmente em 1949, ainda ressoa e apresenta enorme relevância, afinal o patriarcado embora muitas vezes naturalizado, é um produto histórico e social:

[...] processo de instauração do patriarcado teve início no ano 3100 a.C. e só se consolidou no ano 600 a.C. A forte resistência oposta pelas mulheres ao novo regime exigiu que os machos lutassem durante dois milênio e meio para

chegar a sua consolidação. Se a contagem for realizada a partir do começo do processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta com idade de 5203-4 anos. [...] Trata-se, a rigor, de um recém-nascido em face da idade da humanidade, estimada entre 250 e 300 mil anos. (SAFFIOTI, 2015, p. 63)

Dentre estas e outras leituras, reflexões e debates, o olhar para o espaço rural nos leva a pensar na diversidade de mulheres do campo que, frente ao avanço do modelo capitalista de desenvolvimento rural focado no agronegócio e nos grandes empreendimentos, enfrentam as variadas faces da violência afinal “La violencia sexual y el asesinato de mujeres en el campo son utilizadas como formas de destrucción de las comunidades y como forma de abrir camino a la ofensiva capitalista que ejerce presión sobre los territorios.” (CARDOSO et. al. 2004, p. 76)

Na região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, essa realidade se faz sentir seja com o processo histórico de migração dos homens para o corte de cana-de-açúcar e outros trabalhos temporários (como a construção civil), seja pela agressividade que os grandes projetos de desenvolvimento têm justificado a expropriação dos sujeitos do campo e, novamente aqui, as mulheres são as mais impactadas pela já desigualdade estrutural no acesso a terra, às políticas públicas, a assistência técnica e, obviamente, pela invisibilidade do trabalho feminino no espaço rural em sua dimensão produtiva. Caso exemplar é registrado por Deere (2004, p. 184), ao discutir sobre os direitos da mulher à terra no âmbito da reforma agrária:

A discriminação contra a mulher era tal que os funcionários do INCRA tomaram por certo que mulheres sem marido ou companheiro eram incapazes de administrar uma gleba, a menos que elas tivessem um filho maior, e não era incomum para mulheres que enviuvavam com crianças pequenas perderem seu direito a permanecer no assentamento de reforma agrária.

Considerando esta realidade, incluindo experiências dos participantes, que debatemos a realização da pesquisa biográfica com mulheres da região. Iniciamos com a sistematização da biografia de Maria Aparecida Alves, conhecida como Cidona, que foi uma mulher negra, assentada da reforma agrária, liderança no Vale do Jequitinhonha e, enquanto viva, uma lutadora, pelos direitos das mulheres, representando e reforçando suas conquistas no Vale. Em reconhecimento ao seu protagonismo político e social, a Comissão Organizadora do IV SINTEGRA criou uma categoria de premiação para pesquisas de inserção regional que levou o nome de Prêmio Maria Aparecida Alves. Frente a essa iniciativa, na unidade curricular, decidimos mobilizar esforços para que, efetivamente, o público participante do evento pudesse conhecer sua trajetória, dar visibilidade às suas lutas, sendo essa premiação um espaço importante para afirmar a luta pelos direitos das mulheres negras e agricultoras. Com a sistematização foi produzido banner sobre a Cidona, sendo este o único material visual exposto durante o evento que fazia referência sobre a homenageada no prêmio.

A experiência da sistematização da biografia da Cidona estimulou o exercício de

elaboração de outras biografias, ampliando o olhar para o Vale. Assim, foram identificadas mulheres que tinham uma vida profissional pública e outras que refletiam o cotidiano de mulheres camponesas comparando suas rotinas entre duas gerações, acrescido de um perfil de mulher com práticas de cura intermediadas por rezas e benzeções, nos fazendo refletir sobre o caráter silencioso de algumas estratégias de resistência. Dessa forma, foram produzidas cinco biografias de mulheres com perfil de avós, mães, filhas, agricultoras, professora, delegada, benzedeira.

Uma das aulas públicas trouxe o tema do feminismo e agroecologia, tendo como objetivo socializar as discussões problematizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Leituras sobre o histórico do acúmulo e amadurecimento do debate das relações de gênero no campo agroecológico, implicando o espectro de ação de organizações de assessoria técnica, dos movimentos sociais, incluindo o movimento sindical, foi importante para refletir sobre as dimensões da afirmativa “Sem Feminismo não há Agroecologia”, resgatando tanto o histórico do acúmulo dessas discussões no contexto do movimento agroecológico, bem como fortalecer o resgate e reconhecimento do papel das mulheres na história da agricultura, assim como aponta-nos para a resignificação do discurso e da prática patriarcal, ao explicitar a história das mulheres reivindicando o reconhecimento e respeito ao seu lugar social. Com isso reforça também a importância política e social do movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres, pela justiça social e pela sustentabilidade. Foi um momento importante de socialização e reflexão também sobre os princípios da agroecologia, considerando que a maior parte dos que participaram da unidade curricular não são atuantes ativos nesse movimento. Conforme bem escreve Cardoso et. al. (2004, p. 73):

!El feminismo es la idea radical de que las mujeres son personas! De la historia de lucha de las mujeres por la igualdad aprendemos que es fundamental que ellas tengan acceso a la propiedad de la tierra y decidan como usarla, que tengan acceso a las semillas, agua y condiciones de producción, y también acceso a la comercialización y que tengan la capacidad de decisión sobre como usar ese dinero.

Outro diálogo com a agroecologia foi possível a partir de observações de algumas discentes que participaram da atividade de campo da unidade curricular de “Agroecologia e Questões Sociais do Campo Brasileiro” ofertada no mesmo período. A partir dos relatos produzidos pelas discentes percebem-se diferentes estratégias para incorporar uma prática que valoriza a mulher trabalhadora, esclareça seus direitos e apoie sua inserção no mercado, com alguns desafios no sentido de apoiar o debate sobre a igualdade no trabalho reprodutivo. A partir de alguns relatos podemos perceber que o campo agroecológico avança no reconhecimento e valorização das mulheres trabalhadoras rurais e camponesas, mas tem desafios no enfrentamento das estruturas subjetivas de dominação masculina. Afinal, “No hay forma de construir la agroecologia con desigualdad de género” (CARDOSO

et. al. 2004, p. 79).

Por fim, a experiência se pautou, sobretudo, nas relações sociais de gênero com ênfase para a realidade das mulheres do campo. Tal fato foi decorrente, em parte, pelas ansiedades e discussões, e o perfil do grupo, em sua maioria composto por mulheres. Registramos a necessidade de avançar na problematização das relações sociais de gênero a partir da discussão sobre os papéis masculinos, atribuídos aos homens, a masculinidade tóxica e as outras sexualidades e identidades – para os “todes” conforme indica Tiburi (2018), pois o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero.

Inspiradas em Guimarães Rosa, no dito que “O mais importante e bonito, no mundo, é isto: que as pessoas *não* estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” encerramos indicando a importância de abrir espaços, de criar oportunidades em que os encontros e os indivíduos possam ter possibilidades de fala, de escuta, de exercício solidário, de problematização da realidade. É deveras relevante construir pontes, manter-se em movimento, construir utopias e enfrentar crenças, valores e normas socialmente validadas que destituem os seres de seu real valor. É tempo de enfrentar os medos, de novos paradigmas, de outras relações! Como poemou Eduardo Galeano (1940, p. 27-28):

O Pânico do Macho

Na noite mais antiga jaziam juntos, pela primeira vez, a mulher e o homem. Então ele escutou um ruídozinho ameaçante no corpo dela, um ranger de dentes entre suas pernas, e o susto cortou-lhe o abraço.

Os machos mais machos tremem até hoje, em qualquer lugar do mundo, quando recordam, sem saber o que recordam, aquele perigo de devoração. E se perguntam, sem saber o que perguntam: será que a mulher continua sendo uma porta de entrada que não tem saída? Será que nela fica quem nela entra?

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta da unidade curricular foi de fundamental importância para o estreitamento de laços, de relações e de perspectivas para colaboração em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Sobretudo, no âmbito da atuação universitária, contribuiu para articulação entre os temas das relações sociais de gênero, das violências contra a mulher, do feminismo, da agroecologia, das políticas públicas, dos direitos sociais, dos processos de silenciamento etc. Inclui-se aqui a importância da discussão sobre Agroecologia e Feminismo no âmbito da pós-graduação, de caráter interdisciplinar, e com a efetiva participação de três docentes.

Para os estudantes, conforme relatos avaliativos, representou um momento de reflexão sobre as estruturas objetivas e subjetivas que organizam a sociedade, suas normas e valores, e que estão presentes no fazer científico, seja na construção de problemas de pesquisa, seja na própria execução da pesquisa. Assim, os princípios ético, políticos

e teóricos atenderam a intencionalidade de provocar o estranhamento, o movimento de reflexão, de problematização, em diferentes situações e ou escalas.

Por fim, as iniciativas de pesquisa que envolveram a produção das biografias, a participação em um dos principais eventos organizados pela UFVJM e a realização das aulas públicas demonstraram a pertinência de um ensino conectado a realidade, as possibilidades de que o fazer pedagógico amplie seus horizontes para fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONI, V. Agroindústrias Familiares: uma perspectiva de gênero. In: **Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: ANPOCS, 2006.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Julia Marques, MEYER, Dagmar Estermann e WALDOW, Vera Regina (Orgs.). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CARDOSO, Elisabeth et. al. La construcción de una agenda feminista en la agroecología. **Caderno de Mulheres e Agroecologia**. CONTAG, 2014.

DEERE, C. D.; LEON, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEERE, Carmen D. Diferenças regionais na reforma agrária brasileira: gênero, direitos à terra e movimentos sociais rurais. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 18, abr. 2002, p. 112-146.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. Cadernos São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.

FEDERECI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos: uma história quase universal**. 3 ed. Porto Alegre. RS: L&PM, 2015.
_____. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

LIMA, Josélia. O poder masculino na esfera da universidade pública. **Revista Universidade e Sociedade**. Ano XXVII. nº 60. Julho de 2017. p. 164 a 171.

MOREIRA, Renata e RAMALHO, Claudilene da C. Questão de gênero e soberania alimentar: auto-organização de mulheres do MST no estado do Espírito Santo. **Em Pauta – Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, jan-jun 2013, p. 249-271.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em Comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agro 138, 139, 140, 141, 142

Agroecologia 117, 125, 126, 127

Ambiente de trabalho 130, 132, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209

Análise 1, 3, 4, 8, 9, 13, 14, 15, 23, 36, 41, 63, 65, 67, 90, 94, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 112, 118, 121, 128, 136, 138, 158, 163, 165, 166, 167, 170, 182, 189, 190, 191, 194, 196, 202

Ano bissexto 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Aplicativos 110, 111, 112, 113, 115

Arte 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 141, 142, 192

Aspectos psicológicos 88, 89, 90, 91, 92, 94

Autoimagem do professor 180

Avaliação 11, 47, 52, 66, 67, 95, 110, 111, 112, 114, 115, 186, 200, 203, 207

B

BNCC 96, 97, 98, 99, 211

C

Calendário 38, 170, 171, 172, 173, 174, 178

Capacidade tampão 63, 64, 65, 66, 67

Capital humano 69, 70, 71, 129, 209

Compreensão pública da ciência 103, 104, 105, 106, 107, 108

Contenidos digitais 69, 70, 71, 72, 74, 75

Cotidiano 6, 14, 34, 35, 37, 39, 43, 47, 49, 52, 53, 105, 109, 121, 125, 128, 129, 145, 146, 153, 156, 161, 162, 164, 165, 167, 180, 191, 193, 195, 210, 211, 212

Crianças em situação de rua 76, 77, 79, 81, 82, 83, 87

D

Diferenças 6, 7, 17, 27, 50, 89, 121, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 211, 213, 214

Diversidade 39, 47, 48, 49, 52, 99, 100, 106, 107, 108, 120, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 143, 155, 158, 168, 192

Docência 1, 3, 9, 11, 12, 34, 43, 68, 96, 98, 108, 110, 111, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 217

E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 33,

34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 67, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 117, 118, 120, 139, 144, 146, 147, 157, 159, 160, 165, 167, 169, 170, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 203, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217

Educação integral 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 210, 211, 213, 214, 216

Empregados 197

Ensino-aprendizagem 43, 44, 97, 99, 109, 139, 149, 168, 180

Ensino de Biologia 103, 110

Ensino Superior 51, 52, 53, 64, 66, 117, 165, 179, 197, 198, 199, 209, 217

Erosão dental 62, 63, 64, 65, 67

Escola do campo 103, 107

Evento 124, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 154, 180

Experimentos 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

F

Feminismo 117, 125, 126, 127

Fluxo salivar 62, 63, 64, 65, 66, 67

Formação continuada 42, 47, 48, 53, 168, 194, 195

Formação docente 2, 12, 13, 45, 158, 160, 161, 164, 166, 168, 184, 186

Formação permanente 96, 98, 102

Formación en el trabajo 69, 71, 75

G

Gestação 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Gestão da diversidade 128, 129, 130, 132, 135, 136

I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 194, 195

Inclusão 7, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 105, 128, 129, 132, 170, 171, 211, 215

Infância 12, 30, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 185, 194, 216

Iniciação científica 63, 64, 67, 95

Interculturalidad 54, 56

Interdisciplinaridade 42, 96, 98, 104, 105, 106, 108, 109, 148

Internacionalización 54, 56, 57, 58, 61

L

Laboratório 47, 48, 49, 50, 65, 101, 111, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155,

156, 157, 189, 217

M

Marginalidade 16, 17, 18, 76

Materiais recicláveis 145, 150, 152, 156

Metodologias ativas 96, 97, 101

Monitoria 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 164

Movilidad 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Movimento de translação 170, 175, 176, 177

Mulheres 65, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

O

Omnilética 47, 50, 51

Organizações 121, 125, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 144, 209

P

Pedagogia histórico crítica 15, 19

Pesquisa em educação 47, 48, 53, 108, 157

Pibid 110, 111, 113, 115, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 168, 169, 217

Plataforma tecnológica 69, 70, 71

Plickers 110, 111, 114, 115, 116

Práticas pedagógicas 15, 16, 19, 22, 25, 32, 186, 187, 213

Problemas de Fermi 170, 174

R

Representações sociais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 105

S

Saberes 12, 13, 23, 42, 55, 74, 97, 101, 108, 118, 119, 120, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 182, 214

Salários 197, 198, 200, 201, 202, 205, 206, 207, 208, 209

Sexualidade feminina 88, 90, 91

Socrative 110, 111, 114, 115, 116

V

Valorização profissional 180

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

4



Atena
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

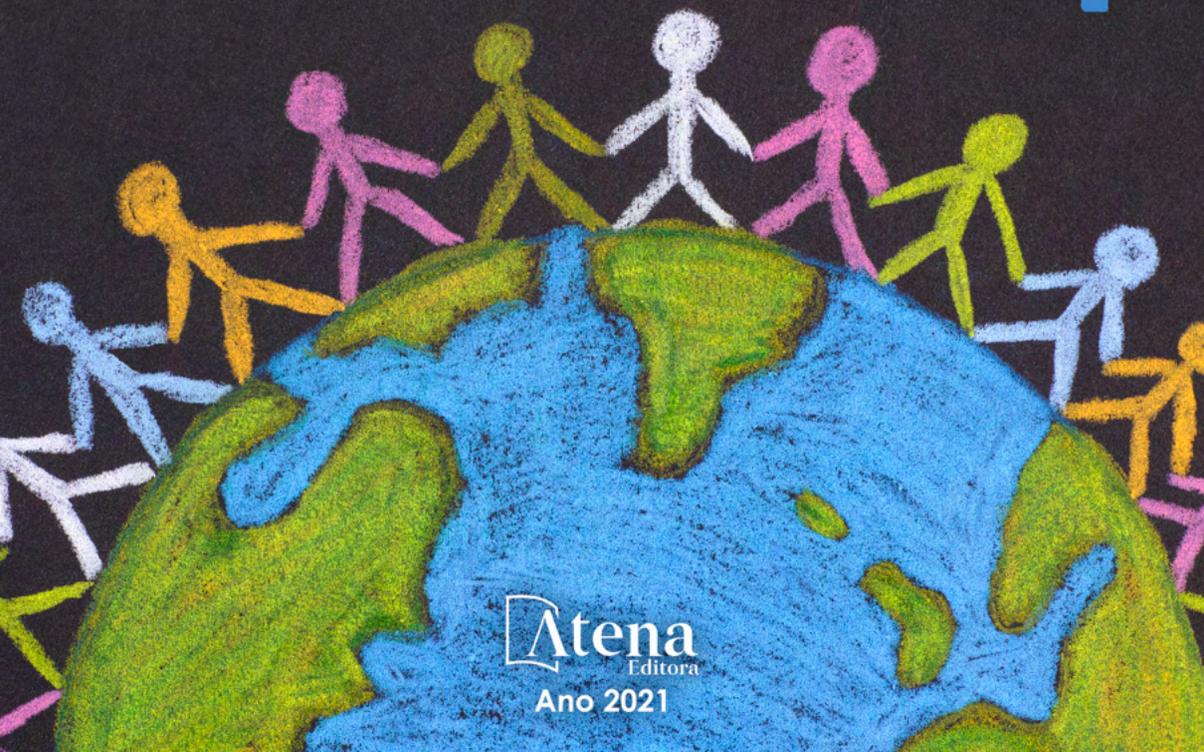
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

4




Atena
Editora
Ano 2021